



ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CEB DE LOUSADA

Teste de Avaliação de Português – 11.º Ano

Lê, atentamente, o texto que se segue:

Enfim, que havemos de pregar hoje aos peixes? Nunca pior auditório. Ao menos têm os peixes duas boas qualidades de ouvintes: ouvem e não falam. Uma só cousa pudera desconolar ao pregador, que é serem gente os peixes que se não há-de converter. Mas esta dor é tão ordinária, que já pelo costume quase se não sente. Por esta causa não falarei hoje em Céu nem Inferno; e assim será menos triste este sermão, do que os meus parecem aos homens, pelos encaminhar sempre à lembrança destes dois fins.

Vos estis sal terrae. Haveis de saber, irmãos peixes, que o sal, filho do mar como vós, tem duas propriedades, as quais em vós mesmos se experimentam: conservar o são e preservá-lo, para que se não corrompa. Estas mesmas propriedades tinham as pregações do vosso pregador Santo António, como também as devem ter as de todos os pregadores. Uma é louvar o bem, outra repreender o mal: louvar o bem para o conservar e repreender o mal para preservar dele. Nem cuideis que isto pertence só aos homens, porque também nos peixes tem seu lugar. Assim diz o grande Doutor da Igreja S. Basílio: (...) “Não só há que notar, diz o Santo, e que repreender nos peixes, senão também que imitar e louvar.” Quando Cristo comparou a sua Igreja à rede de pescar (...), diz que os pescadores “recolheram os peixes bons e lançaram fora os maus”. E onde há bons e maus, há que louvar e que repreender. Suposto isto, para que procedamos com clareza, dividirei, peixes, o vosso sermão em dois pontos: no primeiro louvar-vos-ei as vossas virtudes, no segundo repreender-vos-ei os vossos vícios. E desta maneira satisfaremos às obrigações do sal, que melhor vos está ouvi-las vivos, que experimentá-las depois de mortos.

Começando pois, pelos vossos louvores, irmãos peixes, bem vos pudera eu dizer que entre todas as criaturas viventes e sensitivas, vós fostes as primeiras que Deus criou. A vós criou primeiro que as aves do ar, a vós primeiro que aos animais da terra e a vós primeiro que ao mesmo homem(...)

Vindo pois, irmãos, às vossas virtudes, que são as que só podem dar o verdadeiro louvor, a primeira que se me oferece aos olhos hoje, é aquela obediência com que, chamados, acudistes todos pela honra de vosso Criador e Senhor, e aquela ordem, quietação e atenção com que ouvistes a palavra de Deus da boca de seu servo António. Oh grande louvor verdadeiramente para os peixes e grande afronta e confusão para os homens! Os homens perseguindo a António, querendo-o lançar da terra e ainda do mundo, se pudessem, porque lhe repreendia seus vícios, porque lhe não queria falar à vontade e condescender com seus erros, e no mesmo tempo os peixes em inumerável concurso acudindo à sua voz, atentos e suspensos às suas palavras, escutando com silêncio e com sinais de admiração e assenso (como se tiveram entendimento) o que não entendiam. Quem olhasse neste passo para o mar e para a terra, e visse na terra os homens tão furiosos e obstinados e no mar os peixes tão quietos e tão devotos, que havia de dizer? Poderia cuidar que os peixes irracionais se tinham convertido em homens, e os homens não em peixes, mas em feras. Aos homens deu Deus uso de razão, e não aos peixes; mas neste caso os homens tinham a razão sem o uso, e os peixes o uso sem a razão. Muito louvor mereceis, peixes, por este respeito e devoção que tivestes aos pregadores da palavra de Deus, e tanto mais quanto não foi só esta a vez em que assim o fizestes. Ia Jonas, pregador do mesmo Deus, embarcado em um navio, quando se levantou aquela grande tempestade; e como o trataram os homens, como o trataram os peixes? Os homens lançaram-no ao mar a ser comido dos peixes, e o peixe que o comeu, levou-o às praias de Nínive, para que lá pregasse e salvasse aqueles homens. É possível que os peixes ajudam à salvação dos homens, e os homens lançam ao mar os ministros da salvação? Vede, peixes, e não vos venha vanglória, quanto melhor sois que os homens. Os homens tiveram entranhas para deitar Jonas ao mar, e o peixe recolheu nas entranhas a Jonas, para o levar vivo à terra.

Mas porque nestas duas acções teve maior parte a onipotência que a natureza (como também em todas as milagrosas que obram os homens) passo às virtudes naturais e próprias vossas. Falando dos peixes, Aristóteles diz que só eles, entre todos os animais, se não domam nem domesticam(...) Os autores comumente condenam esta condição dos peixes, e a deitam à pouca docilidade ou demasiada bruteza; mas eu sou de mui diferente opinião. Não condeno, antes louvo muito aos peixes este seu retiro, e me parece que, se não fora natureza, era grande prudência. Peixes! Quanto mais longe dos homens, tanto melhor; trato e familiaridade com eles, Deus vos livre! Se os animais da terra e do ar querem ser seus familiares, façam-no muito embora, que com suas pensões o fazem. (...)

No tempo de Noé sucedeu o dilúvio que cobriu e alagou o mundo, e de todos os animais quais livraram melhor? (...) Todos (os peixes) escaparam, antes não só escaparam todos, mas ficaram muito mais largos que dantes, porque a terra e o mar tudo era mar. Pois se morreram naquele universal castigo todos os animais da terra e todas as aves, porque não morreram também os peixes? Sabeis porquê? Diz Santo Ambrósio: porque os outros animais, como mais domésticos ou mais vizinhos, tinham mais comunicação com os homens, os peixes viviam longe e retirados deles. Facilmente pudera Deus fazer que as águas fossem venenosas e matassem todos os peixes, assim como afogaram todos os outros animais. Bem o experimentais na força daquelas ervas com que, infeccionados os poços e lagos, a mesma água vos mata; mas como o dilúvio era um castigo universal que Deus dava aos homens por seus pecados, e ao mundo pelos pecados dos homens,

foi altíssima providência da divina justiça que nele houvesse esta diversidade ou distinção, para que o mesmo mundo visse que da companhia dos homens lhe viera todo o mal e que por isso os animais que viviam mais perto deles, foram também castigados e os que andavam longe ficaram livres. (...)

Padre António Vieira, “Sermão de Santo António aos Peixes”

I – Compreensão do Texto

Após uma leitura cuidada do texto, responde, de forma clara e completa, às questões que se seguem:

1. Situa o excerto transcrito na estrutura interna e externa do “Sermão de Santo António aos Peixes”.
2. Menciona o paralelismo que o orador estabelece entre as propriedades do sal e o acto de pregar de Santo António.
3. Aponta as razões subjacentes à ironia do pregador no primeiro parágrafo.
4. O pregador afirma que, numa primeira fase, louvará os peixes e, numa segunda fase, repreenderá os seus vícios.
 - 4.1. Apresenta o motivo que está na origem desta divisão.
5. Explicita a alegoria presente no excerto.
6. Indica as virtudes genéricas dos peixes.
7. O sermão tinha como objectivos: ensinar (*docere*), agradar (*delectare*) e comover, persuadir (*movere*).
 - 7.1. Selecciona **duas** das figuras de estilo que evidenciem os objectivos apontados.
 - 7.2. Refere a importância dos exemplos bíblicos.

II – Funcionamento da Língua

1. Observa a seguinte frase:

Durante a sua missão no Brasil, António Vieira constatou **que** (1) a terra estava de tal forma corrupta **que** (2) era necessária uma doutrina eficaz **que** (3) limpasse a maldade dos corações humanos.

- 1.1. Divide e classifica as orações presentes nesta frase.
- 1.2. Classifica, morfologicamente, os vocábulos sublinhados.
2. Refere a função sintáctica desempenhada por cada um dos elementos sublinhados nas seguintes frases:
 - a) “Haveis de saber, irmãos peixes, que o sal (...)”;
 - b) “(...) que experimentá-las depois de mortos.”;
 - c) “(...) vós fostes as primeiras criaturas que Deus criou (...)”
3. Faz corresponder os elementos da coluna A aos da coluna B, de forma a obteres informações verdadeiras.

COLUNA A	COLUNA B
1. A palavra “ Mas ”, na frase “Mas esta dor é tão ordinária (...)” (linha 3)	a) existe uma relação de homonímia.
2. Entre as palavras destacadas nas frases que se seguem: “Enfim que havemos de <u>pregar</u> hoje aos peixes?” (linha 1) e “Já acabaste de <u>pregar</u> a base do móvel?”	b) existe uma anáfora com co-referente expreso.
3. Na expressão “(...) que experimentá-las depois de mortos.” (linha 16)	c) é uma conjunção coordenativa copulativa.
4. Na passagem “(...) no primeiro louvar-vos-ei as vossas atitudes, no segundo repreender-vos-ei os vossos vícios.” (linha 14 e 15)	d) estão, sobretudo, presentes as referências deícticas pessoal e espacial.
	e) é uma conjunção coordenativa adversativa.
	f) existe uma relação de homografia.
	g) estão, sobretudo, presentes as referências deícticas temporal e pessoal.
	h) existe uma referência anafórica sem co-referente expreso.

III – Actividade de Expressão Escrita

Elabora um **texto expositivo-argumentativo**, no qual desenvolves o seguinte tema:

No “Sermão de Santo António aos Peixes”, o Padre António Vieira pretende moralizar os Homens, pregando aos peixes.